

Mas com pavor supremo, com o gelado
Inerte horror da desesperação!

XIII

Não tenho, não, já dúvida ou alegria;
Mas nem regresso mais a essa dúvida
Nem a essa alegria regressava,
Se possível me fosse; tenho o orgulho
De ter chegado aqui, onde ninguém,
Nem nas asas do doido pensamento
Nem nas asas da louca fantasia,
Chegou. E aqui me quedo. Consolado
Nesta perene desconolação.

Esta
Diferença contra a diferença
Entre o vazio cepticismo antigo
Mudo adivinhador, não compreendendo
A força toda do que adivinhou —
Entre isto e o meu pensar. Cheguei aqui.
Nem daqui sair quero, nem queria
Aqui chegar. Mas aqui cheguei e fico.

XIV

Horror supremo! E não poder gritar
A Deus — não há — pedindo alívio!
A alma em mim se ironiza só pensando
Na de pedir ridícula vaidade

Tenho em mim
A Verdade sentida e incompreendida
Mas fechada em si mesma, que não posso
Nem pensá-la. (Senti-la ninguém pode.)

Como eu desejaria bem cerrar
Os olhos — sem morrer, sem descansar,
Não sei como — ao mistério e à verdade
E a mim mesmo — e não deixar de ser.
Morrer talvez, morrer, mas sem na morte
Encontrar o mistério face a face.

Sinto-me alheio pelo pensamento,
Pela compreensão e incompreensão.
Ando como num sonho. Confrangido
Pelo terror da morte inevitável
E pelo mal da vida, que me faz
Sentir, por existir, aquele horror
Atormentado sempre.

Objetos mudos
Que pareceis sorrir-me horridamente
Só com essa existência e estar ali;